

Estudo. Foram considerados dados sobre educação, saúde e renda para elaborar o levantamento

Violência piora a qualidade de vida do jovem no Estado

Quando se fala de homicídios e acidentes de trânsito, o Espírito Santo fica entre os 3 piores do país

de vida dos jovens no país.

Quando se fala de mortes por causas externas – entre homicídios, suicídios e acidentes de trânsito –, o Espírito Santo fica entre os três piores, perdendo apenas para Pernambuco (2º) e Rio de Janeiro (1º).

No IDJ, o Espírito Santo teve uma piora no quadro comparativo de mortes violentas. Em 2003, o índice era de 0,43, ficando em 0,37, em 2005 e neste ano. Dentro do índice – medido entre 0 e 1 –, 1 é a melhor pontuação a ser alcançada.

“Dentro da educação, os capixabas conseguiram índices bons, o que os colocaria entre os dez do país. Mas as mortes por motivos violentos derrubam sua colocação”, argu-

menta Julio Jacobo Waiselfisz, diretor do Instituto Sangari.

UNIÃO

Para o secretário de Defesa Social da Serra, Ledir Porto, os municípios e o Estado lutam para mudar esse quadro. “Mas as ações desenvolvidas pelos órgãos públicos não serão suficientes se a sociedade e, principalmente, a família não nos ajudar”, defende.

Ele acredita que a situação financeira das famílias – que obriga os pais a trabalharem por mais tempo, deixando os filhos sozinhos em casa – dificulta no combate à criminalidade. “A culpa não é deles. Mas algumas ações não cabem ao governo. A sociedade

tem que estar presente nisso também”, frisa Porto.

ÍNDICE

O cálculo foi elaborado pelo Instituto Sangari, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia e pela Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (Ritla). Ele leva em consideração dados do governo para construir os pilares do estudo: Educação, Saúde e Renda.

O índice se baseou na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e no Sistema de Informação sobre Mortalidade do Ministério da Saúde.

Ponto de vista

Jovens vítimas da violência

O que fazer para reduzir o número de mortes por causas externas

Rosane Gilberti

Foco na educação

Major Nylton Rodrigo

Ações conjuntas

Esse é um cenário nacional. O jovem é uma preocupação e nós temos que buscar alternativas para reverter esse quadro. Hoje a realidade do trânsito no Estado, para jovens entre 18 e 29 anos, mostra que eles representam cerca de 30% de todas as mortes ocorridas. É certo, também, que há um aumento na frota, mas isso não cabe como resposta. Temos que trabalhar. Neste ano, principalmente, o foco do Detran foi o jovem. Intensificamos as abordagens do Madrugada Viva e do Praia Viva. Até as ações com motociclistas foram voltadas para essa faixa etária. E para complementar a estratégia estamos investindo muito no projeto Vida Urgente, com jovens abordando outros jovens em ruas, praias e baladas para falar sobre a segurança no trânsito. Esse grupo tem muito pela frente e precisamos mostrar isso a eles. Temos que valorizar a cultura de preservação da vida.

■ Rosane Gilberti, gerente de Educação do Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito no Espírito Santo (Detran-ES)

Todas as entidades ligadas à Secretaria de Estado de Segurança Pública querem reduzir esses índices de homicídios. É nossa prioridade. Temos consciência de que a polícia tem um papel significativo para a diminuição deles. Mas alguns fatores não estão ao nosso alcance. Fatores como educação, desestruturação da família, infraestrutura precária, dependem de outros órgãos. Mas a polícia existe justamente para tentar amenizar essa situação e resolvê-la. Tanto que temos vários projetos, como o do Consórcio Metropolitan – no qual focamos em ações culturais e esportivas para crianças que vivem em áreas de risco social –, para mudar o quadro. Outro programa é o Alerta Vermelho que reduziu o tempo de resposta da polícia para chegar local da ocorrência de 28 minutos para 7, em média. Nas ações surtiram efeito: a agora foram 47 homicídios por cada 100 mil habitantes. Ano passado fechamos em 5

■ Major Nylton Rodrigo, coordenador do Centro Integrado Operacional de Defesa Social (Ciodes)

Evasão escolar prejudica índice

Secretário afirma que houve crescimento no número de alunos concluindo o ensino médio

■ O Estado, em cinco anos, teve redução no número de analfabetos, aumento de alunos no ensino superior e, também, no tempo médio de estudo entre jovens de 15 a 24 anos. Mas a evasão escolar ainda assusta. São 57,9% dos jovens fora da escola.

O percentual apontado pelo Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ) é questionado pelo secretário estadual de Educação, Haroldo Corrêa Rocha. “Entre 2003 e 2006 (caiu de 45% para 42% o número de jovens estudando, em qualquer série) houve um crescimento no número de alunos concluindo o ensino médio. Mas são poucos os que entram no ensino superior, o que pode afetar nesse percentual”, avalia.

Corrêa reconhece a existência da evasão escolar e diz que ações foram traçadas para reverter o quadro. “São três anos consecutivos sem greves, além de projetos que deixam a escola mais atrativa ao aluno”.

GABRIEL LORDELLI



Dividido entre as aulas e o trabalho

Leandro Ramos Altabin, 16, estudou até a 8ª série, quando começou a ter problemas com o horário da aula porque dividia o tempo com o serviço num lava-jato.

“Eu chegava atrasado direto, aí comecei a faltar, faltar, e perdi matérias importantes. Acabei parando”, disse. Atualmente, Leandro trabalha numa banca de revistas na Praia da Costa, em Vila Velha. “Eu trabalho desde muito cedo por vontade própria. Quereria a minha independência, não ficar pedindo dinheiro à minha

mãe”. Na escola da prefeitura em que estudava, em Ilha dos Ayres, Vila Velha, nem tudo agradava o rapaz. “Havia aulas muito chatas, sem coisas legais. Outras eram boas, os professores eram bons. Mas decidi que ano que vem eu volto pra escola. É melhor estudar e ainda dá tempo de recuperar o que já perdi nos estudos”.